



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11033 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 01 - Educação Intercultural e Decolonialidade na Amazônia

**A TRADIÇÃO ORAL E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA/NA COMUNIDADE  
QUILOMBOLA VILA UNIÃO/CAMPINA DE SALVATERRA-PARÁ**

Shirley Cristina Amador Barbosa - UEPA - Universidade do Estado do Pará

João Colares da Mota Neto - UEPA - Universidade do Estado do Pará

**A TRADIÇÃO ORAL E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA/NA COMUNIDADE  
QUILOMBOLA VILA UNIÃO/CAMPINA DE SALVATERRA-PARÁ**

## **Introdução**

A tradição oral é uma prática educativa ressignificada e reinventada, no falar, no agir, no viver, no aprender, no desaprender e reaprender, na resistência dos povos e das comunidades tradicionais como àquelas quilombolas. Nas sociedades africanas, os mais velhos são os sábios, os incumbidos de repassar a memória dos ancestrais. Nas comunidades quilombolas brasileiras e amazônicas acontece de maneira parecida, pois os mais velhos são os responsáveis por repassar essa sabedoria para que a tradição tenha continuidade.

Assim, diante da tradição e da memória de luta e resistência da população negra, especificamente de remanescentes quilombolas contra a matriz colonial, contra as mais distintas formas de opressão e retirada de direitos, nota-se o legado repassado de geração para geração. Desta forma se percebe a luta contínua que os negros ainda enfrentam em seu cotidiano: o racismo e as mazelas da colonialidade em todas as esferas sociais.

Destarte, em sua gênese – e até a contemporaneidade – os quilombos apresentam uma resistência à subalternização, uma luta histórica contra o colonialismo e a colonialidade (MIGNOLO, 2017). Luta esta que se configura em saberes e processos educativos do cotidiano. São perspectivas contra hegemônicas que se conectam às memórias coletivas dos movimentos sociais negros de resistência e de lutas (GOMES, 2017). Movimentos que reivindicam políticas públicas, exigindo o direito à terra, à saúde e à educação.

Nesse sentido, a problemática se constitui da seguinte forma: Como a prática da tradição oral se constitui em uma prática educativa na comunidade quilombola Vila União/Campina, Salvaterra-Pará? O objetivo desse estudo é: analisar os processos educativos ancorados na tradição oral e identificar elementos expressos nos processos educativos comunitários que contribuem para uma formação antirracista no contexto da comunidade quilombola Vila União/Campina, Salvaterra-Pará.

## **Método**

Esta pesquisa é do tipo etnográfica com foco na área da educação. Para Arias (2010), o método etnográfico enxerga as particularidades, as vivências e as experiências dos diferentes povos, dentro de uma ótica singular. O estudioso nas pesquisas etnográficas em educação, coloca sua subjetividade em prol da construção de uma ciência diferenciada, plural, diversa que busca compreender as diferentes culturas levando em consideração a potencialidade histórica dos narradores e narradoras que a constroem.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir de observações e anotações em diário de campo, conversas e entrevistas com moradores de uma comunidade remanescente de Quilombo – Vila União/Campina. Esses moradores forneceram elementos (poemas, orações, composições de músicas, utensílios como peneiras, paneiros, pinturas em telas, artesanatos etc). Assim, participamos ainda dos convidados (encontros ou reuniões) e mutirões, da feitura de farinha e dos momentos em que alguns narradores chegavam da caça ou da pesca. Isso contribuiu com a compreensão do objeto de estudo.

Os momentos de entrevistas com os moradores da Vila União/Campina ocorreram durante o mês de julho de 2019. Esses momentos foram acontecendo na comunidade, incluindo vários espaços como as escolas. As entrevistas foram realizadas em locais como residências, quintais, roças e casas de forno. As narrativas dos moradores foram gravadas em um aparelho de celular, que serviu também para os registros fotográficos e filmagens feitas durante a pesquisa.

Em relação aos procedimentos para a coleta e a produção dos dados da pesquisa, iremos descrever esse processo a partir de alguns passos: **I** - a apresentação da pesquisa no dia 01 de julho de 2019 junto aos moradores; **II** - momentos de observações na Vila União Campina; **III** - momentos de visitas nas residências; **IV** - momentos de visitas em outros locais: (as hortas, o campo de futebol, a roça de mandioca e abacaxi e o igarapé); **V** - Diálogos manifestados por meio de entrevistas semiestruturadas; **VI** - momento das análises dos dados coletados.

Os narradores e narradoras que fortaleceram a escrita deste trabalho foram 10 (dez), porém neste texto iremos trazer a narrativa de 3 (três) desses moradores. A seguir o perfil de

cada morador:

**Solange Maria Amador Cantão:** 53 anos. É liderança na comunidade e participa ativamente dos movimentos sociais. Já atua na Associação de Mães e Agricultores remanescente de quilombos Vila União /Campina há 10 (dez) anos, sendo uma das fundadoras dessa associação.

**Raimundo Hilário Moraes:** 47 anos, atua como coordenador regional da MALUNGU. Participa ativamente dos movimentos sociais, sendo quilombola da comunidade de Caldeirão.

**Maria Nazilda Gonçalves Amador:** 56 anos, moradora nascida em Vila União Campina. É agricultora e conhece bastante acerca da agricultura, do plantio de roças, hortaliças, bem como a cultura local.

O lócus da pesquisa situa-se no arquipélago marajoara. Esse arquipélago, localizado ao norte do Estado do Pará, integra 16 municípios e entre estes encontra-se o município de Salvaterra, que possui uma extensão territorial de 918,563 km<sup>2</sup>. Da cidade de Salvaterra para chegar à comunidade Vila União/Campina, (local da pesquisa), ou a qualquer uma outra comunidade quilombola em Salvaterra, é necessário usar o transporte público, que passa três vezes ou mais durante a semana. A Vila União/Campina é uma comunidade remanescente de quilombo situada na PA-154, na zona rural, na região de Salvaterra-Pará.

A análise dos dados foi “[...] el momento en que toda esta información, debe ser sistematizada y debe plasmarse en escritura etnográfica, a fin de poder dar a los actores la palabra y hacer que se escuche la voz de los otros” (ARIAS, 2010, p. 396). Assim, tudo o que foi lido, visto e ouvido durante a pesquisa, e no contato com os moradores da comunidade, deu base para a construção do texto que perpassa pela discussão sobre a tradição oral e a decolonialidade.

## **Discussão e resultados**

Para falarmos da prática da tradição oral, em particular àquela de matriz africana nos quilombos brasileiros, é necessário trazeremos para a discussão alguns estudos que reportem a tradição oral nas sociedades africanas, haja vista que os quilombos brasileiros foram construídos por negros oriundos da África. Segundo Hampaté Bâ (2010, p. 167):

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos a tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitido de boca a

ouvido, de mestre a discípulo ao longo dos séculos.

A tradição oral exerce esse papel em relação aos ensinamentos e aprendizados perpetuados nas sociedades em que os indivíduos necessitam ser agentes de ação para manutenção da tradição das mais variadas formas de expressão cultural. É nesse sentido que, nas comunidades quilombolas, os saberes são repassados de geração em geração construindo um legado para as gerações futuras.

Esses legados são construídos a partir das memórias coletivas que vêm desde a época colonial resistindo ao colonialismo, ao imperialismo, ao sistema capitalista e às diversas formas de opressões vigentes na sociedade. Desse modo, o enfrentamento fomenta a construção de novas práticas educativas insurgentes no contexto de comunidades quilombolas, as quais se remetem sempre às práticas e memórias ancestrais.

Nesse percurso, ressalto a importância das narrativas dos moradores de Vila União/Campina. A partir de suas histórias de vida, dos seus saberes que insurgem e apontam para um educar diferente, em que o ser humano é o centro, é o sujeito que multiplica saberes que não se aparta da identidade constituída nessa educação que está na voz. Sobre esse aspecto, destaquei o que Solange nos informou acerca do que é educação em sua percepção:

A educação para mim é um processo de aprender, é uma ação que engloba o ser humano. Ou seja, é um processo de ensinar e aprender que torna o ser humano melhor. A educação é a base de tudo, é ela que transforma a vida de uma pessoa para que lá adiante, ela possa ser um multiplicador de informações (Solange, 2019).

Percebe-se nessa fala que o ser humano está centralizado no debate educacional, enquanto sujeito do conhecimento, capaz de ensinar e aprender. Podemos identificar que Solange apresenta uma visão de transformação, pois concebe a educação como forma de transformar vidas, na qual o ser humano se enquadra no processo geracional e dialógico, podendo expressar diversos modos de conhecimentos que estão intrínsecos a sua existência e vivência em um determinado lugar, sociedade ou comunidade.

Silva, Florencio e Pederiva (2019), em seu livro sobre a educação pelas oralidades de matriz africana, tecem concepções que nos dão base para entendermos a vida como um campo educativo, na medida em que o ser humano, emergido da cultura, constitui-se nas experiências vividas e acumuladas individual, social e historicamente.

As vozes que perpassam em Vila União/Campina, apresentam um leque de informações que mostram um território demarcado por vários saberes e vozes, os quais mediatizam sua circulação e permanência ao longo do tempo e no espaço. Percebi esse processo na convivência com a comunidade presenciando a maneira como as famílias vivem

e sobrevivem.

Assim, identifiquei os processos educativos e inúmeros saberes que insurgem no dia a dia, nas relações que os quilombolas desenvolvem com a terra, visto que os moradores afirmaram aprenderem atividades frequentes na comunidade como plantar roças, usar as ervas medicinais, que são conhecimentos transmitidos de forma geracional. Isso demonstra a produção de conhecimento local que se expande, na medida em que se torna aprendizagem para os próprios filhos de quilombolas, que aprenderam com seus pais, que aprenderam com seus avós e assim sucessivamente. Por exemplo, dona Nazilda expõe que:

A vida que os meus pais me colocaram, olha eu sei fazer uma farinha, sei plantar uma maniva, eu sei capinar porque meus pais me ensinaram e o que eu aprendi, a minha filha tá formada mas ela sabe plantar uma maniva, sabe semear, toda vez que eu venho fazer meu trabalho eu trago ela também, pra que ela possa ver, aprender e possa ver a nossa cultura aqui, porque se nós, olha eu trabalhei muito com a mamãe plantando, nós plantando. Então o que minha mãe me ensinou, eu passei pra minha filha (Maria Nazilda, 2019).

Na narrativa, é possível compreender o exercício das práticas educativas desenvolvidas a partir de um “saber fazer”, relacionado ao processo da plantação de roças e à produção da farinha. Essas atividades são praticadas pela maioria da população que reside em Vila União /Campina.

Essas atividades demonstram a reprodução, interação da educação que caracteriza este território, que demonstra preocupação com que esses conhecimentos, sejam aprendidos pelos mais jovens, no tocante à formação de seus processos identitários, que constitui o amago de suas práticas educativas locais, que expressam a territorialidade específica dessa região.

Conforme minhas observações, por meio da construção do existir os quilombolas vão afirmando suas formas de ser, pensar, educar, vivência com a terra, configurando uma sabedoria ligada à existência e ao sentido da vida coletiva. Assim, a comunidade assinala para processos de ensino aprendizagem que estão alicerçados nas suas vivências culturais de tal modo que:

Essas práticas conduzem os indivíduos a um processo de apropriação de valores, normas de conduta, memórias, códigos linguísticos e representações que favorecem a constituição de sua identidade étnica, social e cultural. Esse conjunto de acervos culturais, produzidos e adquiridos por processos de ensino aprendizagem, constituem o “conteúdo” da educação do cotidiano (MOTA NETO, 2008, p. 60-70).

Na educação do cotidiano há interação, circulação e transmissão de conhecimentos, que perpassam pelas histórias vidas na comunidade onde se desenvolve processos de ensinar e aprender vinculados ao campo da oralidade, do trabalho, gênero artístico, cultural, dentre

outros campos, os quais nos fazem ver que a educação pode existir sob várias formas e aspectos, em todo e qualquer espaço.

Nesse contexto, os processos de ensino aprendizagem são contínuos e ocorrem, na medida em que os filhos dos quilombolas assimilam e aprofundam essas educações nas atividades e tarefas desenvolvidas no cotidiano, emergindo no próprio quilombo, no manejo da terra, na agricultura, entre outros afazeres que perpassam a ancestralidade. Desse modo, as gerações nos constituem, como vemos na próxima narrativa.

A educação é uma sabedoria milenar passada de pai para filho, avô para neto, uma relação de respeito, tomar bênção dos mais velhos, isso é educação. É você respeitar tudo o que foi deixado, essa educação que se perpassa de pai para filho no conhecimento tradicional, nenhuma escola, nenhuma universidade vai te dar, ensinar como quebrar uma palha, como cobrir uma casa com palha, como fazer um tipiti, uma peneira, um paneiro, como fazer um curral. Então essa educação é importantíssima e fortalece os nossos conhecimentos (Hilário, 2019).

A narrativa refere-se a uma educação que transcende os moldes ocidentais de construir e enxergar a vida. Em cada atividade desenvolvida no cotidiano dos quilombolas transmite-se conhecimentos e as práticas que inspiram a novas reflexões de ler o mundo a partir de uma pedagogia que não se constitui dentro de uma caixinha e que não está de acordo com o padrão do sistema/mundo/capitalista.

Trata-se de práticas educativas que vão fluindo no decorrer da vida, expressando a maneira como nos relacionamos com a natureza para garantir a sobrevivência, o sustento da família, a permanência no território, bem como o engajamento na luta pelo reconhecimento dos saberes os quais são importantes para esse contexto de vivência.

Nesse quilombo, há diversas formas de ensino-aprendizagem que estão fora da escola. São conhecimentos, saberes, pedagogias próprias da comunidade e dos quilombolas que habitam esse lugar. Estas formas de ensinar e aprender consistem no diálogo dos saberes locais que são aprofundados, na medida em desenvolvemos as tarefas do dia a dia, na roça, na pescaria, na feitura de farinha, no contar das histórias, nas narrativas dos moradores antigos e dos que chegam na comunidade.

A tradição oral, nesse contexto, consiste nesse conjunto de narrativas, que perpassam por esses espaços de educação situados no quilombo, compostos pelos relatos dos moradores da comunidade nos quais há significados, histórias, conhecimentos que evidenciam e caracterizam o quilombo como palco dessas pedagogias e saberes que não estão inseridos nos espaços de educação formal da comunidade.

## **Conclusão**

Ao versar sobre a tradição oral e os processos educativos na comunidade quilombola Vila União/Campina em Salvaterra/Marajó, essa pesquisa parte do entendimento de que há um processo amplo de educação desencadeado pela transmissão de saberes e conhecimentos que fazem parte da história e das práticas culturais das populações quilombolas da Amazônia marajoara.

A educação no quilombo possibilita a reconstrução da ancestralidade na contemporaneidade, na medida em que os filhos dos quilombolas aprendem e reproduzem os conhecimentos tradicionais, os modos de saber fazer que dão significado para a existência do grupo.

Com os relatos dos moradores e a partir da minha própria experiência como membro da comunidade pesquisada, aponto a necessidade de novas estratégias para que os anseios em implementar uma educação voltada para os quilombolas saia do papel e se concretize nas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, pois os alunos, que são filhos desse quilombo, precisam saber e conhecer a sua história e a escola tem que cumprir o seu papel de formadora desenvolvendo um ensino- aprendizagem que respeite e valorize os conhecimentos tradicionais da comunidade.

No interior das comunidades quilombolas, um aprender significativo e essencial que afirma uma história que ainda não foi contada pela historiografia oficial, nacional ou até mesmo internacional (OLIVEIRA, 2005). Isso contraria a lógica do aparelho ideológico branco ocidental, mostrando os valores das coisas que são importantes para nós, quilombolas da Amazônia Marajoara.

**Palavras-chave:** Educação e Resistência. Tradição Oral. Comunidade Quilombola.

## Referências

ARIAS, Patricio Guerrero. **Corazonar. una antropología comprometida con la vida.** Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Ediciones Abya-Yala: Quito-Ecuador, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

HAMPATÉ BÁ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África.** 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Quilombolas na Ilha do Marajó: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa

Elizabeth Acevedo (orgs.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias - construções identitárias e sociabilidades São Paulo: Editora UNESP, 2009. v. 1, p. 209-227.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O Lado Mais Escuro da Modernidade. Tradução: Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017.

MOTA NETO, João Colares da. **Educação no cotidiano do terreiro**: saberes e práticas culturais do tambor de Mina na Amazônia. 2008. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História Oral**. Recife, V. 8 n° 1, p. 91-106, jan/ju, 2005.

SILVA, Daniela Barros Pontes; FLORENCIO, Saulo Pequeno Nogueira, PEDERIVA; Patrícia Lima Martins. **Educação na tradição oral de matriz africana**: a constituição humana pela transmissão oral de saberes tradicionais – um estudo histórico-cultural. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.